

## COMUNICAÇÃO ENFERMEIRO-PACIENTE NO PRÉ-OPERATÓRIO: REVISÃO INTEGRATIVA

### *NURSE-PATIENT COMMUNICATION IN THE PREOPERATIVE PERIOD: INTEGRATIVE REVIEW*

### *LA COMUNICACIÓN ENFERMERO-PACIENTE EN EL PREOPERATORIO: REVISIÓN INTEGRADORA*

Reginaldo Roque Mafetoni<sup>1</sup>, Rosângela Higa<sup>2</sup>, Nara Regina Bellini<sup>3</sup>

O objetivo deste estudo foi identificar as práticas de comunicação do enfermeiro no processo de orientação ao paciente no período pré-operatório. Uma revisão integrativa da literatura resultou na análise de 14 artigos. Sete estudos descreveram a comunicação satisfatória por meio de orientações, diálogo, reuniões, uso de manuais, painéis e outros. Na pediatria, arteterapia e a utilização dos brinquedos foram intervenções eficazes. Seis artigos descreveram insatisfação devido à orientações impositivas, uso de linguagem técnica, a falta de individualidade com o paciente ou apontaram a falta de informação, mostrando que os profissionais tendem a ritualizar as suas funções em instituições onde não há atenção para esta questão. O enfermeiro desempenha um papel importante no cuidado do paciente, sendo a comunicação uma forma relevante de interação, que precisa ser revista e melhorada regularmente. **Descritores:** Comunicação; Enfermagem de Centro Cirúrgico; Enfermagem Perioperatória; Orientação.

The objective of this study was to identify nursing communication practices in patient advice processes in the preoperative period. An integrative literature review resulted in the analysis of 14 articles. Seven studies described effective communication through advice, dialogue, meetings, manual use, panels and others. In Pediatrics, art therapy and the use of toys were effective interventions. Six articles described dissatisfaction due to impositive counseling, use of technical language, lack of patient individuality or indicated a lack of information, showing that professionals tend to ritualize their tasks in institutions where attention to this issue is not given. The nurse plays an important role in patient care, and communication represents a relevant form of interaction, which needs to be revised and improved regularly.

**Descriptors:** Communication; Operating Room Nursing; Perioperative Nursing; Orientation.

El objetivo del estudio fue identificar las prácticas de comunicación del enfermero en el proceso de orientación al paciente en el preoperatorio. Una revisión integradora de la literatura resultó en el análisis de 14 artículos. Siete estudios describieron la comunicación satisfactoria mediante orientaciones, diálogo, reuniones, uso de manuales, paneles y otros. En la pediatría, terapia del arte y uso de los juguetes fueron intervenciones efectivas. Seis artículos informaron insatisfacción debido a las orientaciones impuestas, de lenguaje técnico, falta de individualidad con el paciente o ausencia de información, que demuestra que los profesionales tienden a practicar las tareas como rituales en las instituciones donde no hay atención al tema. El enfermero desempeña un papel importante en la atención al paciente, siendo la comunicación una importante forma de interacción, que necesita ser revista y mejorada periódicamente.

**Descriptores:** Comunicación; Enfermería de Quirófano; Enfermería Perioperatoria; Orientación.

<sup>1</sup> Enfermeiro. Hospital da Mulher Prof.Dr. José Aristodemo Pinotti — CAISM/UNICAMP. E-mail: rmafetoni@ig.com.br

<sup>2</sup> Enfermeira. Hospital do Mulher Prof.Dr. José Aristodemo Pinotti — CAISM/UNICAMP. Doutora em Tocoginecologia, Área Ciências Biomédicas-FCM/UNICAMP. E-mail: rosangelahiga@bol.com.br

<sup>3</sup> Enfermeira. Hospital da Mulher Prof.Dr. José Aristodemo Pinotti — CAISM/UNICAMP. Supervisora da Divisão de Enfermagem. Mestre em Tocoginecologia, Área de Ciências Biomédicas. E-mail: narebel@terra.com.br

Autor correspondente: Reginaldo Roque Mafetoni

Rua Alexander Flemming, 101 — Cidade Universitária — CEP 13083-881. Campinas, SP, Brasil. E-mail: rmafetoni@ig.com.br

## INTRODUÇÃO

A comunicação é um instrumento essencial no atendimento do enfermeiro ao paciente que se encontra no período pré-operatório. Para que o profissional estabeleça uma interação adequada, ele deve saber se comunicar, pois a comunicação é exigência da própria natureza humana<sup>(1)</sup>. O diálogo estabelece uma interação mútua, gerando um bem comum.

Pela comunicação, o enfermeiro pode identificar os significados que o paciente atribui à doença, à hospitalização e ao tratamento cirúrgico<sup>(2)</sup>, com as quais pode-se desenvolver uma assistência individualizada, planejada e baseada nos anseios e expectativas que ocorrem com o paciente nesta fase.

O procedimento cirúrgico é dividido em três fases distintas: pré-operatório, que inicia quando há tomada da decisão para a intervenção cirúrgica e termina com a transferência do paciente para a mesa operatória; intra-operatório, inicia-se quando o paciente é transferido para a mesa cirúrgica e termina quando ele é admitido na Sala da Recuperação Pós-Anestésica (SRPA). A fase pós-operatória começa na admissão na SRPA e termina com a evolução e acompanhamento na unidade clínica ou no domicílio<sup>(3)</sup>.

Todo período perioperatório é importante, porém este estudo está direcionado à fase pré-operatória, considerando que nesta fase há uma sequência de procedimentos, preocupações e dúvidas para o paciente, que se torna propenso a um desequilíbrio físico emocional<sup>(4)</sup>.

Entende-se que as bases teóricas e fundamentos da prática de enfermagem possam estabelecer uma relação enfermeiro-paciente eficaz, contribuindo no esclarecimento e redução dos estressores que podem estar presentes durante este período. O enfermeiro é o profissional preparado para esclarecer as dúvidas que a intervenção cirúrgica provoca, sendo obrigado legal e moralmente a fazê-lo, pontuando riscos e benefícios, em linguagem acessível<sup>(5)</sup>.

Portanto, um estudo direcionado para identificar e mostrar as práticas satisfatórias e insatisfatórias de comunicação no pré-operatório (CPO) realizadas por enfermeiros se torna imprescindível, uma vez que poderá colaborar na qualidade da assistência de enfermagem por meio da reflexão das atitudes diante do paciente.

Conhecer as estratégias de abordagem no pré-operatório contribuirá para que enfermeiros busquem

novos métodos no cuidado relativos à intervenção de enfermagem que envolve a comunicação eficaz e promovam a redução das conseqüências negativas que podem interferir no restabelecimento físico e emocional do indivíduo no período pós-operatório. Assim sendo, este estudo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura sobre a prática de comunicação do enfermeiro no processo de orientação ao paciente no período pré-operatório.

## MÉTODO

Para o alcance do objetivo do estudo, optou-se pelo método da revisão integrativa<sup>(6)</sup>, visto que ele possibilita sumarizar as pesquisas já realizadas e obter conclusões a partir de um tema de interesse. Uma revisão integrativa exige os mesmos padrões de rigor, clareza e replicação utilizada nos estudos primários<sup>(7)</sup>.

Para guiar a revisão integrativa, formulou-se a seguinte questão norteadora: Quais são as evidências científicas que a comunicação do enfermeiro no período pré-operatório contribui ou gera falta de orientação do paciente?

O levantamento bibliográfico foi realizado acessando as bases eletrônicas de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). A busca dos artigos foi realizada por meio do Programa de Acesso à Informação Eletrônica e do Portal de Periódicos Capes, no sistema de busca da Biblioteca Eletrônica de uma universidade do Estado de São Paulo. Os descritores utilizados foram “enfermagem perioperatória”, “comunicação” e “orientação”, considerados como descritores no DECS/LILACS/BIREME. A pesquisa foi limitada de 2000 a 2010, a crianças e adultos no período ou atividades executadas antes do ato cirúrgico, em língua portuguesa e disponível eletronicamente. Excluíram-se os artigos de revisão, relatos de experiências e desenvolvidos por profissionais não enfermeiros.

A busca bibliográfica foi realizada em novembro de 2010, 32 referências relacionadas ao tema foram obtidas através da leitura dos títulos e resumos, sendo 21 na base de dados da LILACS e 11 na SciELO, porém 10 e 8 publicações respectivamente foram excluídas, por não responder a questão norteadora desta revisão integrativa ou a partir da repetição nas bases de dados. Assim, a amostra final constituiu-se de 14 artigos que apresen-

taram relação com a questão em estudo, com diferentes abordagens metodológicas.

A coleta de informações teve por base um instrumento, elaborado pelos pesquisadores e avaliado por dois docentes em enfermagem com experiência na clínica cirúrgica. Todas as sugestões levaram às correções e adaptações, estabelecendo-se, dessa maneira, um instrumento final. Instrumento, que apresentou as seguintes informações: registro do título, ano, revista, base de dados, formação dos autores, local do estudo, objetivos, método, nível de evidência, forma de comunicação descrita, resultados, conclusões e recomendações.

Para análise dos resultados e posterior discussão do conteúdo dos artigos, classificaram-se em duas categorias temáticas: satisfação e insatisfação com o processo CPO, na visão do enfermeiro e paciente, que são apresentadas e analisadas, segundo os seus conteúdos, de forma descritiva, possibilitando ao leitor a avaliação da aplicabilidade da revisão integrativa elaborada e de forma a atingir o objetivo desse estudo.

## RESULTADOS

### Caracterização das publicações

Na Tabela 1 são apresentados os autores, os periódicos de publicação, o ano, as bases de dados no qual foram localizados os artigos, o tipo de estudo utilizado e a localidade que originou a pesquisa.

A Tabela 1 evidencia que 64,3% das publicações ocorreram entre os anos 2001 e 2005, 35,7% de 2006 a

2010, em revistas de enfermagem (93%) indexadas na base de dados LILACS (78,6%).

Em relação à titulação, a maior parte dos autores são doutores (28,3%) e enfermeiros graduados (26,1%), que apresentam um percentual maior em relação às demais titulações. Os demais autores, 45,6% são: graduandos, especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos.

No que se refere à profissão, 80,4% são enfermeiros e 19,6% publicaram com enfermeiros, porém não informaram a profissão.

Verificou-se que 92,9% dos artigos apresentam os objetivos do estudo de forma clara; 7,1% não apresentam objetivos ou não estava claro.

Ao analisar a abordagem de pesquisa mais frequente na amostra estudada, identificou-se que seis utilizaram o método qualitativo, três desenvolveram estudos com métodos quantitativos, três realizaram estudos quantitativos e dois não detalharam a abordagem utilizada.

### Evidências da satisfação com a CPO entre enfermeiros e pacientes

Oito publicações<sup>(8-14,17)</sup>, incluindo dois estudos realizados em pediatria<sup>(10,12)</sup>, demonstraram satisfação com o processo de CPO.

Nos artigos que descreveram a comunicação adequada entre pacientes adultos, os processos desenvolvidos foram: Visita Pré-Operatória de Enfermagem (VPOE)<sup>(10,13)</sup>, orientação por parte da equipe de enfermagem<sup>(13)</sup>, o diálogo, uso de painéis ilustrativos e recursos visuais<sup>(8)</sup>,

**Tabela 1** — Distribuição de autores, revista, ano, banco de dados, tipo de estudo e local. Campinas, SP, Brasil, 2010

Autores	Periódico	Ano	Base de dados	Tipo de estudo	Local
Baggio <i>et al.</i> <sup>(8)</sup>	Rev Gaúcha Enferm.	2001	Lilacs	Descritivo	Região Sul do Brasil
Sonobe <i>et al.</i> <sup>(9)</sup>	Rev Brasileira de Cancerologia	2001	Lilacs	Descritivo	Ribeirão Preto, SP
Schmitz <i>et al.</i> <sup>(10)</sup>	Rev Eletr Enfer.	2003	Lilacs	Experimental	Cascavel, PR
Jorgetto <i>et al.</i> <sup>(11)</sup>	Rev Eletr Enfer.	2004	Lilacs	Descritivo	Campinas, SP
Valladares <i>et al.</i> <sup>(12)</sup>	Rev Eletr Enfer.	2004	Lilacs	Descritivo	Goiânia, GO
Silva <i>et al.</i> <sup>(1)</sup>	Rev Bras Enferm.	2005	SciELO	Descritivo	Santos, SP
Jorgetto <i>et al.</i> <sup>(13)</sup>	Rev Eletr Enfer.	2005	Lilacs	Quase-experimental	Campinas, SP
Sasso <i>et al.</i> <sup>(14)</sup>	Rev Latino-Am Enferm.	2005	Lilacs	Exploratório	Ribeirão Preto, SP
Tenani <i>et al.</i> <sup>(15)</sup>	Arq Cienc. Saúde	2007	Lilacs	Descritivo	S.J.do Rio Preto, SP
Foschiera <i>et al.</i> <sup>(16)</sup>	Ciênc Cuid Saúde	2008	Lilacs	Descritivo	Cascavel, PR
Souza <i>et al.</i> <sup>(17)</sup>	Esc Anna Nery Rev Enferm.	2008	SciELO	Descritivo	Rio de Janeiro, RJ
Kruse <i>et al.</i> <sup>(18)</sup>	Rev Eletr Enfer.	2009	Lilacs	Descritivo	Porto Alegre, RS
Chistóforo <i>et al.</i> <sup>(19)</sup>	Rev Esc Enferm. USP	2009	SciELO	Transversal	Curitiba, PR
Negreiros <i>et al.</i> <sup>(20)</sup>	Rev Eletr Enfer.	2010	Lilacs	Exploratório, Observacional	Fortaleza, CE

manual de orientação, aplicação de questionários, depoimentos de outros pacientes com relato de experiência em reuniões de grupo<sup>(14)</sup>, a utilização do método do arco para atividades de ensino pré-operatório, o uso de folhetos e troca de informações<sup>(9)</sup>.

Dois artigos<sup>(11,17)</sup> descreveram satisfação com a CPO sobre o ponto de vista dos enfermeiros, um se refere à importância da VPOE para CPO<sup>(11)</sup> e outro artigo no qual os enfermeiros foram consultados sobre a importância de um projeto de extensão para promoção da assistência perioperatória, classificaram o projeto como relevante para o bem-estar do cliente, devido às orientações individuais, reuniões semanais, uso de fotos e álbum com gravuras<sup>(17)</sup>.

Em pediatria, a utilização do brinquedo terapêutico durante a VPOE<sup>(10)</sup> e a aplicação da arteterapia<sup>(12)</sup>, mostraram-se eficazes no processo de CPO.

### **Evidências da insatisfação com a CPO entre enfermeiros e pacientes**

A insatisfação com a CPO foi apontada em seis estudos<sup>(1,15-16,18-20)</sup>, todos com parecer de pacientes adultos.

A manifestação de insatisfação com a comunicação se fez por meio de informações não adequadas, falta de apoio pela equipe de saúde<sup>(1)</sup>, baixa participação do enfermeiro na orientação pré-operatória<sup>(15,19)</sup>, procedimentos realizados sem comunicação prévia pela enfermagem<sup>(19)</sup>, desinformação sobre os procedimentos anestésico-cirúrgicos, resultando em alto nível de ansiedade<sup>(16)</sup>, orientação passiva, sem individualidade<sup>(17)</sup> e o uso de linguagem técnica<sup>(18,20)</sup>.

### **DISCUSSÃO**

A maioria dos estudos foi desenvolvida por profissionais na região Sudeste (50%), 36% são estudos realizados por profissionais na região Sul do Brasil. Nestas regiões foram implantados os primeiros Programas de Pós-Graduação em Enfermagem e hoje concentra-se a maioria deles. Se considerarmos, que o Brasil, apresenta uma grande diversidade socioeconômica e cultural entre suas regiões, ao buscarmos um parâmetro em nível nacional, é provável que os estudos provenientes de centros mais desenvolvidos mascarem a realidade da assistência de enfermagem oferecida ao paciente nas demais regiões.

Quanto à classificação dos delineamentos de pesquisa, seis artigos utilizaram o desenho não-experimen-

tal, ou seja, não houve a manipulação da amostra estudada, do tipo: exploratório/descritivo, observacional e transversal. Um segue a característica quase-experimental, por perda de randomização, outro experimental, randomizado e controlado, e os demais utilizam o método descritivo/qualitativo, com relatos da amostra. Estudos experimentais são, ou parecem ser mais aceitos pela academia científica, devido às características garantirem alto grau de confiabilidade dos resultados<sup>(21)</sup>.

A amostra caracterizou treze artigos<sup>(1,8-9,11-20)</sup> com nível de evidência entre três e quatro, um artigo<sup>(10)</sup> com evidência dois. Os resultados de tais estudos não são considerados como “evidência forte” pela Prática Baseada em Evidências<sup>(22)</sup> e, portanto, pouco contribuem para a construção de diretrizes clínicas.

Oito estudos<sup>(8-14,17)</sup> descreveram satisfação com a CPO, com destaque à orientação verbal, o diálogo e as reuniões de grupos com uso de depoimentos<sup>(8-9,13-14,17)</sup>. A abordagem do enfermeiro com o paciente neste período estabelecendo diálogo aberto com linguagem clara, de fácil compreensão, sanando dúvidas e esclarecendo rotinas, resulta em uma coleta de dados enriquecida da história pregressa, dos hábitos e anseios que o paciente enfrenta nesta fase, diminuindo a condição de passividade frente a inúmeros procedimentos que ocorrem até o ato cirúrgico.

O preparo emocional e adequado conhecimento da situação que está por vir, neste caso, a cirurgia, torna o paciente mais tranquilo e, em consequência, preparado para a intervenção cirúrgica<sup>(8)</sup>.

A utilização de manuais, folhetos de orientação, painéis ilustrativos, fotos do Centro Cirúrgico (CC), são atividades presentes em cinco artigos<sup>(8-9,14-17)</sup> que descreveram satisfação com CPO entre enfermeiros e pacientes. Recursos como materiais ilustrativos e visuais são meios de comunicação que facilitam a compreensão e a fixação da informação quando se trabalha com pessoas de variados graus de instrução, tornando-se estratégias precisas e práticas.

A comunicação estabelecida por meio da VPOE foi mencionada em três artigos<sup>(10-11,13)</sup>, incluindo um estudo voltado para pediatria<sup>(10)</sup>. Um artigo estudou comparativamente um grupo que recebeu VPOE e outro controle<sup>(13)</sup>, descrevendo como satisfatórias as informações perioperatórias fornecidas pela equipe de enfermagem e pelo grupo intervenção. Outro estudo<sup>(11)</sup> analisou a importância da VPOE, segundo os enfermeiros do centro

cirúrgico. A maioria dos entrevistados (85,7%) julga importante sua realização pelo fato do paciente ter sido esclarecido quanto ao procedimento anestésico-cirúrgico, além de ficar conhecendo a equipe que irá recebê-lo. O terceiro artigo<sup>(10)</sup> menciona o uso do brinquedo terapêutico, durante a VPOE, válido para a CPO em pediatria, no qual observou-se diminuição do medo e da ansiedade da criança, com a proximidade do profissional e da cirurgia.

Outro estudo envolvendo a pediatria<sup>(12)</sup> classificou como benéfica a arteterapia no pré-operatório, pois a abordagem por meio do desenho, pintura, teatro, dança, entre outros, proporcionou um espaço de liberdade, alegria e resgate do brincar, bem como estimulou a criança exteriorizar o que pensa, seus sentimentos e emoções.

Seis estudos<sup>(1,15-16,18-20)</sup> apontaram insatisfação com a CPO entre enfermeiros e pacientes. As falhas apontadas foram a baixa participação do enfermeiro na rotina de orientação no pré-operatório e a figura do médico presente nesta função<sup>(15-19)</sup>. Este fato convida o profissional enfermeiro a repensar sua prática sendo que ele deveria ser o elo de comunicação entre o cliente e os outros profissionais de saúde, por permanecer maior parte do tempo com o paciente e, com frequência, ser o profissional que esclarece as informações fornecidas pelos médicos e demais profissionais<sup>(15)</sup>.

O uso da linguagem técnica e impositiva se torna uma prática que dificulta a compreensão do paciente nas orientações fornecidas no pré-operatório apontadas por dois estudos<sup>(18,20)</sup>. A informação transmitida pelo enfermeiro deve ser de fácil compreensão e objetiva, em vocabulário simples, convidando o paciente a um diálogo, pois cada ser é individual e portanto merece uma explicação específica e única<sup>(4)</sup>. Contudo, percebe-se ainda, na prática do enfermeiro, a ausência da valorização do relacionamento pessoal e da adequação ao uso da comunicação no contexto do cuidado<sup>(23)</sup>.

Um estudo descreve 85% dos entrevistados desinformados sobre os dados anestésico-cirúrgicos<sup>(16)</sup>, e outros dois<sup>(1,19)</sup> apontam sensação de distanciamento do profissional de saúde pelo paciente na realização dos procedimentos, sem comunicação prévia, de forma impositiva.

Muitos enfermeiros estão envolvidos em sua rotina diária que, apressados em preparar os pacientes, se esquecem da importância atribuída à orientação do cuidado a ser prestado, efetuando-o automaticamente, não valorizando o ser humano como principal objeto da profissão<sup>(1,19)</sup>.

Ao priorizar a comunicação, o profissional requer uma mudança de foco e atitude: do fazer para o escutar, observar, compreender, apontar as necessidades para, então, planejar ações. E o escutar não é apenas ouvir, mas permanecer em silêncio, utilizar gestos que expressem aceitação e estimulem a expressão de sentimentos<sup>(23)</sup>.

Com base nos artigos que mostraram satisfação com a CPO na assistência do enfermeiro ao paciente adulto, em suas conclusões, as recomendações para aplicar ou aprimorar as práticas de CPO são variadas devido ao foco de cada estudo. Foi descrita a importância da VPOE para o enfermeiro do centro cirúrgico/paciente e a implantação de um instrumento de comunicação para coleta de dados utilizada pelas autoras<sup>(11)</sup>, refletir sobre a assistência prestada e estar aberto e disponível para atender as diversas necessidades do paciente que está sobre o cuidado de enfermagem<sup>(8)</sup>, a abordagem escrita para transmitir informações cirúrgica foi fundamental para o conhecimento do paciente, porém de forma isolada não é suficiente às pessoas de baixa escolaridade<sup>(14)</sup>, o ensino através do método do arco demonstra abordagem em diferentes necessidades de aprendizado, com adequações e flexibilidade à assistência humanizada<sup>(9)</sup>, e dois artigos<sup>(13,17)</sup> não descreveram recomendações específicas para CPO.

Um estudo realizado em pediatria citou em suas conclusões que a utilização do brinquedo terapêutico e a VPOE são ferramentas que podem ser trabalhadas para amenizar a ansiedade e o medo da criança no pré-operatório<sup>(10)</sup>. Outro<sup>(12)</sup> que aplicou a arteterapia no pré-operatório, constatou um grande benefício terapêutico tornando esta fase natural e descontraída para a criança e reforçou a importância do binômio como fator tranquilizador.

O enfermeiro necessita promover a aproximação com criança no pré-operatório e a interação dos pais no processo, para aumentar o envolvimento, o conhecimento sobre o preparo cirúrgico, ao mesmo tempo, oferecer apoio e confiança. Assim, obtêm-se maior êxito nas ações de enfermagem que dependem de uma interação eficaz<sup>(24)</sup>.

Os seis estudos que descreveram insatisfação com a CPO, em suas conclusões fazem as seguintes recomendações: realizar uma reflexão crítica profissional, valorizar os aspectos emocionais e a assistência humanizada<sup>(1)</sup>, resgatar as bases científicas nos cuidados realizados no pré-operatório, implantar consulta com enfermeiro para avaliação e orientação desde a internação<sup>(19)</sup>, progra-

mas efetivos de educação permanente para enfermeiros no intuito de suprir a lacuna existente na assistência ao paciente cirúrgico, novas pesquisas em educação por enfermeiros<sup>(15,18,20)</sup>, orientações direcionadas efetivamente ao paciente cirúrgico devido a sua relevância para assistência no pós-operatório<sup>(16)</sup>, orientação ambulatorial, realização da visita domiciliar em casos específicos, sempre questionando a eficácia da comunicação praticada<sup>(18)</sup>, discutir o dimensionamento de pessoal de enfermagem onde se pratica a “assistência integral”, porém, deixa a desejar a CPO e investir no tema pela educação permanente nas instituições e graduação<sup>(20)</sup>.

Pelos resultados apresentados pode-se considerar que as orientações verbais isoladas nem sempre são suficientes para estabelecer uma comunicação efetiva entre enfermeiros e pacientes, sendo esta prejudicada por vários aspectos, como o uso da linguagem técnica, impositiva, incompleta, às vezes devido à carga de trabalho ou curto tempo separado para esta atividade, trazendo com estas práticas pouca concentração do paciente na orientação fornecida.

Estabelecer um diálogo aberto, humano, com bases consistentes, sem a preocupação com horários ou atividades paralelas, convidando o paciente para uma discussão, seja individualmente na VPOE ou em reuniões de grupo, constatando as limitações e utilizando de alternativas para suprir as deficiências por meio de recursos audiovisuais é estratégia que mostrou ser eficiente e recomendada no processo de CPO entre enfermeiros e pacientes adultos.

Observou-se nas conclusões dos estudos da clínica pediátrica que a CPO entre enfermeiros e crianças, na abertura de um espaço para liberdade, orientando, sem impor rotinas restritivas, valorizando um ambiente descontraído, com o uso do brinquedo, desenho, dança, entre outros, tornou o pré-operatório menos hostil, fortalecendo o equilíbrio psíquico da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão apontou que a utilização de programas específicos de educação ou métodos de abordagem na CPO dos enfermeiros no pré-operatório, apresentam melhores resultados de satisfação, nas orientações recebidas por pacientes pré-cirúrgicos.

As práticas identificadas como satisfatórias na CPO foram: as orientações individuais ou com o uso da VPOE,

o diálogo, a utilização de depoimentos de outros pacientes em reuniões e os recursos materiais como manuais de orientação, folhetos informativos, painéis com fotos, entre outros. Na clínica pediátrica o uso da arteterapia e do brinquedo terapêutico apresentara-se como vias que facilitaram a CPO, tornando o hospital para a criança um ambiente tranquilo e natural.

No entanto alguns artigos descreveram a insatisfação com a CPO entre enfermeiros e pacientes.

Como limitação do estudo considera-se a restrição da pesquisa em publicações na língua portuguesa e em duas bases de dados. Outra limitação se fez devido alguns estudos não identificarem a categoria do profissional de enfermagem na orientação ou preparo pré-operatório. Identificou-se que os métodos delineados não subsidiam a elaboração de metanálise.

Considera-se importante enfatizar e valorizar a presença do enfermeiro no atendimento ao paciente, sendo a CPO uma forma de interação e conduta deste profissional, e também reforçar a atenção maior das instituições e dos cursos de graduação no processo de comunicação com os pacientes, visando uma assistência humanizada e de qualidade.

## REFERÊNCIAS

1. Silva WV, Nakata S. Comunicação: uma necessidade percebida no período pré-operatório de pacientes cirúrgicos. *Rev Bras Enferm.* 2005; 58(6):673-6.
2. Zago MMF, Casagrande LDR. A comunicação do enfermeiro cirúrgico na orientação do paciente: a influência cultural. *Rev Latino-am Enferm* 1997; 5(4):69-74.
3. Smeltzer SC, Bare BG. Brunner & Suddarth tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002.
4. Chistóforo BEB, Zagonel IPS, Carvalho DS. Relacionamento enfermeiro-paciente no pré-operatório: Uma reflexão à luz da teoria de joyce travelbee. *Cogitare Enferm.* 2006; 11(1):55-60.
5. Souza AA, Souza ZC, Fenili RM. Orientação pré-operatória ao cliente uma medida preventiva aos estressores do processo cirúrgico. *Rev Eletr Enf.* [periódico na Internet]. 2005 [citado 2010 nov 18]; 7(2):215-220. Disponível em [http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/revista7\\_2/relato\\_01.htm](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/revista7_2/relato_01.htm).
6. Ganong LH. Integrative reviews of nursing research. *Res Nurs Health* 1987; 10(1):1-11.

7. Beyea SC, Nicoll ELH. Writing an integrative review. *Aorn J.* 1998; 67(4):877-80.
8. Baggio MA, Teixeira A, Portella M. Pré-operatório do paciente cirúrgico cardíaco: a orientação de enfermagem fazendo a diferença. *Rev Gaúcha Enferm.* 2001; 22(1):122-39.
9. Sonobe HM, Hayashida M, Mendes IAC, Zago MMF. O método do arco no ensino pré operatório de pacientes laringectomizados. *Rev Bras Cancerol.* 2001; 47(4):425-33.
10. Schmitz SM, Piccoli M, Viera CS. A utilização do brinquedo terapêutico na visita pré-operatória de enfermagem à criança. *Rev Eletr Enf. [periódico na Internet].* 2003 [citado 2010 nov 25]; 5(2):14-23. Disponível em: [http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/revista5\\_2/pdf/brinquedo.pdf](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/revista5_2/pdf/brinquedo.pdf).
11. Jorgetto GV, Noronha R, Araújo IEM. Estudo da visita pré-operatória de enfermagem sobre a ótica dos enfermeiros do centro cirúrgico de um hospital universitário. *Rev Eletr Enf. [periódico na Internet].* 2004 [citado 2010 nov 23]; 6(2): [cerca de 9 p]. Disponível em: [http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/revista6\\_2/visita.html](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/revista6_2/visita.html).
12. Valladares ACA. Manejo arteterapêutico no pré-operatório em pediatria. *Rev Eletr Enf. [periódico na Internet].* 2004 [citado 2010 nov 25]; 6(1):110-115. Disponível em: [http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/revista6\\_1/pdf/r3\\_arteterapia.pdf](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/revista6_1/pdf/r3_arteterapia.pdf).
13. Jorgetto GV, Noronha R, Araújo IEM. Assistência de enfermagem a pacientes cirúrgicos: avaliação comparativa. *Rev Eletr Enf. [periódico na Internet].* 2005 [citado 2010 nov 23]; 7(3):273-277. Disponível em: [http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/revista7\\_3/pdf/original\\_03.pdf](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/revista7_3/pdf/original_03.pdf).
14. Sasso KD, Galvão CM, Silva JR OC, Franca AVC. Transplante de fígado: resultados de aprendizagem de pacientes que aguardam a cirurgia. *Rev Latino-am Enferm.* 2005; 13(4):481-8.
15. Tenani AC, Pinto MH. A importância do conhecimento do cliente sobre o enfrentamento do tratamento cirúrgico. *Arq Ciênc Saúde* 2007;14(2):81-7.
16. Foschiera F, Piccoli M. Enfermagem perioperatória: diagnóstico de enfermagem emocionais e sociais na visita pré-operatória fundamentados na teoria de Ida Jean Orlando. *Ciênc Cuid Saúde* 2004; 3(2):143-51.
17. Souza NVD, Silva MF, Nunes KSM, Assumpção LR, Morgado FM, Amorin LKA. Visibilidade do projeto de extensão para promoção da assistência perioperatória: ponto de vista multidisciplinar. *Esc Anna Nery Rev. Enferm.* 2008; 12(2):329-33.
18. Kruse MHL, Almeida MA, Keretzky KB, Rodrigues E, Silva FP, Schenini FS, et al. Orientação pré-operatória da enfermeira: lembranças de pacientes. *Rev Eletr Enf. [periódico na Internet].* 2009 [citado 2010 nov 24]; 11(3): 494-500. Disponível em: [http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/v11/n3/pdf/v11n3a05.pdf](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/v11/n3/pdf/v11n3a05.pdf).
19. Chistóforo BEB, Carvalho DS. Cuidados de enfermagem realizados ao paciente cirúrgico no período pré-operatório. *Rev Esc Enferm USP.* 2009; 43(1):14-22.
20. Negreiros PL, Fernandes MO, Costa KNFM, Silva GRF. Comunicação terapêutica entre enfermeiros e pacientes de uma unidade hospitalar. *Rev Eletr Enf. [periódico na Internet].* 2010 [citado 2010 nov 25]; 12(1):120-132. Disponível em: [http://portais.ufg.br/projetos/fen\\_revista/v12/n1/pdf/v12n1a15.pdf](http://portais.ufg.br/projetos/fen_revista/v12/n1/pdf/v12n1a15.pdf).
21. Brevideli MM, Domenico EBL. Trabalho de conclusão de curso: guia prático para docentes e alunos. São Paulo: Iátria; 2006.
22. Stetler CB, Brunell M, Giuliano KK, Morsi D, Prince L, Newell-Stokes V. Evidence-based practice and the role of nursing leadership. *J Nurs Adm.* 1998; 28(7-8):45-53.
23. Mourão CML, Albuquerque AMS, Silva APS, Oliveira MS, Fernandes AFC. Comunicação em enfermagem: uma revisão bibliográfica. *Rev Rene.* 2009; 10(3):139-45.
24. Cardoso MVLML, Souto KC, Oliveira MMC. Compreendendo a experiência de ser pai de recém nascido prematuro internado na unidade neonatal. *Rev Rene.* 2006; 7(3):49-55.

Recebido: 14/06/2011

Aceito: 11/08/2011